

## História da Biblioteconomia na UnB Projeto Informação e Memória NEC/FCI Série Diálogos UnBTV

Entrevista do prof. Edson Nery da Fonseca, professor emérito da Universidade de Brasília, ao prof. Dr. Murilo Bastos Cunha da Faculdade de Ciência da Informação - FCI, sobre a história do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília.

A entrevista foi promovida pelo Projeto Informação e Memória desenvolvido pelo Núcleo de Editoração e Comunicação da Faculdade de Ciência da Informação e integra a Série Diálogos produzida pela UnBTV. Confira também o vídeo da entrevista, disponível nesta edição.



1

**Prof. Murilo** – Estamos aqui iniciando o Programa de Áudio Diálogos, e hoje com a presença honrosa do Professor Edson Nery da Fonseca, um dos professores pioneiros da Universidade de Brasília e criador do curso Biblioteconomia em 1965, e o primeiro diretor da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Ele foi diretor na época em que a universidade ocupava duas ou três salas no Ministério da Educação e Cultura, o antigo MEC, e naquela época já tinha a preocupação, pensava na criação de uma grande biblioteca.

Professor Edson Nery da Fonseca, o senhor acha que foi difícil naquela época criar uma biblioteca daquele porte numa cidade nova, com pouquíssimos bibliotecários e sem condições técnicas?

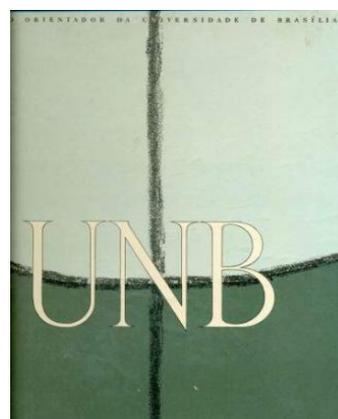
**Professor Edson** - Não foi difícil porque Darcy Ribeiro me disse uma vez, quando eu perguntei a ele quando começamos a comprar bibliotecas particulares, como a primeira foi a de Homero Pires, a segunda foi de um paulista Pedro de Almeida Moura, e eu via que estava saindo muito dinheiro e perguntei a ele uma vez “qual é o meu teto?” .E ele disse: “Não há teto para comprar livros!”.

Coitado, ele respondeu a vários inquéritos na ditadura militar por ter tirado dinheiro daqui, dali , quando não devia, não podia tirar de acordo com o Tribunal de Contas da União para pagar livros. Eles viram que o grande desafio da Universidade de Brasília é montar uma biblioteca, é ter no seu Campus tudo aquilo que Rubens Borba referenciou no “Manual bibliográfico de estudos brasileiros” e na bibliografia brasileira. Então eu sou o bibliotecário mais feliz do mundo, dentro dos limites orçamentários.

**Prof. Murilo** - E de fato isso foi um privilégio

**Professor Edson** - Foi. E continuou sendo assim.

**Prof. Murilo** - Olha, no “Plano orientador da Universidade de Brasília”, o primeiro documento oficial que fala do futuro da Universidade, como ela tinha sido imaginada, existe uma parte que menciona que a biblioteca central teria 1 milhão de volumes. Pois bem, nós estamos a quase 50 anos, desde que esse documento foi lançado e não chegamos ainda a 1 milhão de volumes.



Plano Orientador – UnB

**Prof. Murilo** - O senhor acha por que isso aconteceu? Por quê esse sonho não foi alcançado em menos tempo?

**Professor Edson** - Porque em alguns períodos governamentais a Universidade não dispôs de dinheiro suficiente para continuar comprando. Porque a compra de livros é um processo permanente, como você sabe como eu, tanto a assinatura de periódicos, e vão surgindo outros, cada vez mais, e de livros, nem se fala. A explosão bibliográfica é um fenômeno que não parou ainda, continua, e eu comparei a explosão demográfica porque ela é tão grande, tão assustadora quanto à explosão demográfica.

**Professor Edson** - E uma coisa pode decorrer da outra, porque quanto mais gente, mais, mais futuros autores podem surgir.

**Prof. Murilo** - É um eterno adquirir, crescer.

**Professor Edson** – É curioso como as livrarias continuam muito bem surtidas, muito ricas, não é? E os simplistas continuam declarando a morte do livro entre tantas livrarias estão aí em aberto, inclusive vendendo livros sobre a automação e a internet.

**Prof. Murilo** - É um impresso sobre o livro eletrônico. Uma das idéias centrais quando foi pensada a biblioteca da UnB seria a existência de uma biblioteca central, que congregasse todas as áreas, e essa idéia foi, digamos, revolucionária para aquela época porque haviam em universidades brasileiras, é o caso da USP, por exemplo, Universidade de São Paulo, no mesmo prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letra, três coleções da enciclopédia italiana, caríssima. Pois bem, na Universidade de Brasília isso foi implementado, mas algumas pessoas do Campus dizem que a idéia de uma biblioteca central não é uma idéia muito boa. Por quê? Porque uma biblioteca central não tem padrinhos. Se houvesse uma biblioteca na Psicologia, os professores, os alunos, e aqueles interessados em Psicologia tentariam defender mais verbas, mais instalações, computadores, etc., para a biblioteca da psicologia. O quê que o senhor acha dessa centralização total, e uma descentralização por Instituto e Faculdades?

**Professor Edson** - O nome Biblioteca Central, no caso da Universidade de Brasília está errado, porque ela, o nome parece que implica o que é uma rede, a biblioteca central, e uma rede de bibliotecas departamentais, mas a própria Universidade fez experiência de bibliotecas separadas da Central, como a de matemática e física, e também um pouco a de belas artes, e os próprios professores responsáveis desistiram da idéia porque eles não podiam manter as bibliotecas departamentais abertas por tanto tempo, sendo 24, 23 horas por dia, quanto a biblioteca central.

A despesa da biblioteca central decorre principalmente da interdisciplinaridade, porque a psicologia não pode dizer que os periódicos de psicologia só interessam a psicologia, interessam à pedagogia, interessam a várias outras áreas do conhecimento e o outro assunto é o problema dos recursos financeiros para estar admitindo a duplicação de enciclopédias caras, como você mencionou: a italiana e a assinatura de periódicos caríssimos, que se pagam em dólar.

Também tem o interesse interdisciplinar. Eles próprios, depois dessa experiência que tiveram, devolveram os livros à central e então podemos admitir, o clamor dos alunos foi tão forte, dos usuários, que eles tiveram que ceder.

**Prof. Murilo** - O quê que o senhor acha do livro eletrônico, o e-book?

**Professor Edson** - Acho muito interessante, eu sempre fui muito a favor de todas as novidades, sabe? Eu não sou antiquado como o Antonio Caetano Dias, que Deus o tenha em bom lugar. Quando se começou a falar em documentação, ele disse que o bibliotecário estava errado, que a documentação era um nome novo para coisas que já havia, e, entretanto a documentação surgiu com um ímpeto e depois se transformou. Você sabe muito melhor do que eu por ser da ciência da informação.

**Prof. Murilo** – Verdade. Supondo que o Umberto Eco esteja errado e que o livro eletrônico acabe com o livro impresso, papel, suporte em impresso. O senhor acha, qual seria o papel de uma biblioteca, dentro de uma universidade? Existiria a biblioteca dentro da Universidade?

**Professor Edson** - Poderia não ter esse nome de biblioteca, mas ela tinha que ter os substitutos dos livros.

**Prof. Murilo** - O senhor crê na morte do livro impresso?

**Professor Edson** - Não creio. Eu não creio e eu visitei a Biblioteca Nacional de Brasília, fiquei impressionado como há um número muito grande de computadores, de meios eletrônicos e cheio de usuários. Fiquei muito impressionado com a visita que fiz em abril deste ano à Biblioteca Nacional de Brasília.

Biblioteca Nacional de Brasília

**Prof. Murilo** - Um dos papéis da biblioteca da Universidade nesse contexto do livro eletrônico poderia ser um centro social que agregue a comunidade e dê também acesso a outros tipos de informação que porventura não estejam acessíveis facilmente. 09:15 Comprando Livros e comprando os meios mais avançados na tentativa de substituição do livro.



Foto de Celso Júnior /<http://www.bnb.df.gov.br/index.php/conheca-a-bnb/galeria-imagens/category/2-imagens-institucionais>

**Prof. Murilo** - Professor, e sobre a nossa biblioteconomia, a nossa história, quais foram as dificuldades que o senhor teve para iniciar o curso de biblioteconomia em 1965? Na verdade foi no final de 64. Em março de 65 começaram as aulas.

**Professor Edson** - Olha, nós conseguimos trazer para a universidade, para formar o corpo de professores do curso de biblioteconomia, gente muito boa, como Rubens Borba de Moraes , como Astério Campos, como Leda Laboriau, Cordélia Robalinho Cavalcanti. De modo que não houve dificuldade. Houve um grande interesse também pela novidade da biblioteconomia em Brasília, não havia em outras universidades particulares como a Católica que quisessem ter um curso como o nosso.

**Prof. Murilo** - Foi desafiante a implantação dessa idéia?

**Professor Edson** -Foi desafiante e foi bem sucedida. O curso foi sempre muito bem respeitado, me lembro da primeira formatura na Câmara dos Deputados. No momento em que os meus inimigos, porque eu fiz inimigos pelo fato de estar fazendo aqui um trabalho ligado a universidade que queria ser melhor que as outras, como era de fato, de modo que o diretor da Biblioteca Nacional chegou a fazer dois processos contra mim,o Adonias Filho , Deus o tenha em bom lugar.Fascista.

Antonio Caetano Dias também me combatia, no Rio de Janeiro sempre combateu Brasília, com inveja, com raiva de o governo ter saído de lá. Mas hoje o Brasil inteiro admira Brasília e os seus fundadores, o desenvolvimento que ela teve. Que era esperado. Só Oscar Niemeyer e Lucio Costa é que não foram realistas achando que a cidade de Brasília ia ter apenas 500 mil habitantes.

E acabaram projetando, acabaram não, foi Oscar que projetou um aeroporto dizendo que era só para 500 mil habitantes, desconheceu o resto do Brasil e o fato de que as correntes migratórias iriam ser permanentes sobre essa nova capital.

**Prof. Murilo** - Inclusive alguém falou que antes de Brasília, o Brasil era um país caranguejo, só ficava na orla.

**Professor Edson** - A solução foi as cidades satélites, que já estavam previstas, não em tão grande número, mas passaram a existir. Mas em um país com áreas tão subdesenvolvidas era natural eu ter conversado com os garçons deste hotel, que são todos do Piauí, que é um dos lugares mais atrasados do Brasil, um dos estados mais atrasados, embora seja um Estado que tenha fornecido grandes escritores ao Brasil. Roberto da Costa Silva é um deles, vários outros. Carlos Castelo Branco, um saudoso jornalista, o maior jornalista brasileiro, era também do Piauí.

**Prof. Murilo** - Essa talvez alguém nunca tenha feito esta indagação que eu farei agora. Se tivesse que escolher uma profissão, escolheria biblioteconomia de novo?

**Professor Edson** - Escolheria porque eu me realizei como bibliotecário e depois professor de biblioteconomia. De bibliotecário para professor a transformação foi porque eu percebi que era preciso mudar a formação antiga de bibliotecários, de modo que eu estou feliz em ver que a coisa continuou e desenvolveu-se e aperfeiçoou-se a ponto que eu nem posso mais lecionar no curso de biblioteconomia que eu fundei, porque estou atrasado em relação a bibliografia sobre o assunto.

**Prof. Murilo** - É, mudaram algumas coisas, principalmente a parte ligada de acesso a informação,a base de dados, a internet, etc., mas certas coisas não alteraram. Toda aquela idéia do controle bibliográfico, toda a idéia da estruturação, da busca da informação, isso permanece. E tudo isso é aplicado no Google por exemplo.

**Professor Edson** - Fico feliz em saber que o departamento também já tem o seu curso de museologia e de arquivologia, porque são atividades correlatas. Não precisa multiplicar meios de reprodução e de restauração de documentos. Quando se começou a falar no conjunto cultural de Brasília que continua não existindo, veio integrar a Biblioteca Nacional o Museu da

Civilização Brasileira e o Arquivo Nacional. A idéia era que houvesse somente um serviço meio para atender as três atividades. Infelizmente isso falta a Brasília, como Lucio Costa projetou o Conjunto Cultural de Brasília na área norte e na área sul, ligados por uma passagem, onde haveria lojas, restaurante, tudo. Isso seria muito perfeito, talvez a universidade pudesse fazer com que essa idéia fosse cumprida.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro



<http://www2.camara.gov.br/a-camara/conheca/camara-destaca/cinquenta-anos-da-camara-em-brasilia/palacio-do-congresso-nacional/>

**Prof. Murilo** - O senhor, uma época teve uma polemica bastante grande em relação à Biblioteca Nacional do Rio, e foi até motivo de uma comissão parlamentar de inquérito aqui no Congresso Nacional. O senhor acha que a Biblioteca Nacional do Rio deveria mudar-se para Brasília?

**Professor Edson** - Não. Nunca pensei isso, eu sempre achei que a biblioteca Nacional de Brasília devia ter outras funções, por exemplo, de depósito legal. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foi criada no Rio de Janeiro, seu próprio nome, desde o início indica isso. A polêmica foi em relação ao curso de biblioteconomia que foi combatido aqui pelo

curso da Biblioteca Nacional através do senhor Caetano Dias com o apoio do diretor da Biblioteca Nacional que era o Adonias Filho.

Os processos feitos contra mim foram primeiro junto ao Ministério da Educação, porque eu tinha publicado pela gráfica piloto da Universidade, aquele de “ser ou não ser bibliotecário”, e tive a ousadia de dizer : não ser bibliotecário para continuar vendo a Biblioteca Nacional naquele estado deplorável em que se encontrava. Acho que ela ressurgiu até com a transformação da fundação e hoje não é o que era na época, uma vergonha nacional. Hoje não é mais, é um orgulho nacional, embora continue a haver crises.

**Prof. Murilo** - E qual seria o papel da Biblioteca Nacional em Brasília?

**Professor Edson** - Seria a de ser depósito legal das publicações oficiais, mas era uma idéia, e tem que também atender a população da cidade, não pode acontecer com a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro que quer afastar os leitores desocupados. Mas o Rio de Janeiro possui hoje uma biblioteca pública estadual bastante eficiente perto da Praça da República, bem projetada de modo que a coexistência das duas, agora em Brasília, não me consta que haja uma boa biblioteca fora a Biblioteca Nacional, ai existe a Biblioteca Demonstrativa, como anda? Não sei.

**Prof. Murilo** - Tem problemas de instalações, porque o prédio é muito pequeno para comportar uma demanda grande de usuários e isso cria dificuldades.

**Professor Edson** - Ela está ligada a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

**Prof. Murilo** - Ela está ligada a biblioteca Nacional do Rio. Continua lá.

**Professor Edson** - Tem uma atividade cultural muito grande. Publicando boletins.

**Prof. Murilo** - Que a diretora...

**Professor Edson** - É uma ex-aluna nossa.

**Prof. Murilo** - O curso já teve esse papel também. Uma das grandes conquistas do nosso curso aqui em Brasília foi que nós tivemos profissionais que se graduaram aqui, trabalhando em diversos lugares do Brasil, inclusive até no exterior. Na Biblioteca da ONU, em Nova York, nós temos ex-alunos nossos trabalhando lá. Então isso é muito importante. Alunos que se formaram na nossa pós-graduação dando aula em outras escolas no Brasil, e isso é um motivo de orgulho para todos nós. Mas em relação a alunos de biblioteconomia, que diferença o senhor vê entre o aluno, o que começou em 1965, 66, e em anos mais recentes?

**Professor Edson** - É algo que se resume, a diferença é no desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Todos os formandos são logo integrados. Infelizmente não se dedicam as bibliotecas públicas populares, se dedicam sempre as bibliotecas dos ministérios e de algumas ,assim como a Embrapa, como essas.

**Prof. Murilo** - E muitos tem o sonho de fazer o concurso do Senado ou da Câmara, e não, trabalhar em uma biblioteca pública,é uma pena porque é uma área bastante carente.

**Professor Edson** - Mas é humano, demasiado humano que se procure ganhar onde se paga mais.

**Prof. Murilo** - É verdade. Mestre, nosso diálogo está encerrando, e agradecemos o seu tempo e as suas idéias, e esperamos encontrá-lo uma próxima vez.Muito obrigado.

**Professor Edson** - Foi um prazer.